PRESENÇA E MATERIALIDADE DE IDENTIDADES LÉSBICAS NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA ENTRE 2014 E 2020

PRESENCIA Y MATERIALIDAD DE LAS IDENTIDADES LESBIANAS EN LOS MEDIOS IMPRESOS BRASILEÑOS ENTRE 2014 Y 2020

Raabe Cesar Moreira Bastos [1]
Gabriela Santos Alves [2]

Resumo: o artigo propõe a análise dos conteúdos das revistas Alternativa L e Brejeiras, mídias impressas destinadas à presença, materialidade e construção de identidades lésbicas, entre 2014 e 2020. Este estudo objetiva expor uma resistência à invisibilização e apagamento de corpos lésbicos na mídia impressa hegemônica brasileira, sendo uma produção contrária às realizadas por espaços de legitimação de discursos misóginos hetenormatimos, elucidando como há o veto histórico e cultural de mulheres que se relacionam intimamente exclusivamente com mulheres. É buscado evidenciar como as mídias lésbicas impressas brasileiras propõem presença, materialidade e construção de identidades lésbicas, exercendo esclarecimentos sobre locais políticos em seus mais variados meios de influência, incentivando a consciência da interseccionalidade, produzindo espaços de fala e escuta, troca de experiências, gerando e reconhecendo identidades lésbicas feministas políticas-sexuais como estratégia crítica anti sistêmica.
Palavras-chave: lesbianidade; teoria feminista; mídias impressas brasileiras; discurso; comunicação.

Resumen: el artículo propone el análisis de los contenidos de las revistas Alternativa L y Brejeiras, medios impresos destinados a la presencia, materialidad y construcción de identidades lésbicas, entre 2014 y 2020. Este estudio pretende exponer una resistencia a la invisibilización y borramiento de los cuerpos lésbicos en la prensa escrita hegemónica brasileña, siendo una producción contraria a las realizadas por los espacios de legitimación de los discursos misóginos hetenormativos, dilucidando cómo existe el veto histórico y cultural de las mujeres que se relacionan íntimamente sólo con mujeres. Se busca destacar cómo los medios impresos lésbicos brasileños proponen presencia, materialidad y construcción de identidades lésbicas, ejerciendo esclarecimiento sobre sitios políticos en sus más variados medios de influencia, incentivando la conciencia de interseccionalidad, produciendo espacios de palabra y escucha, intercambio de experiencias, generando y reconociendo identidades lésbicas político-sexuales feministas como estrategia crítica antisistémica.
Palabras clave: lesbianidad; teoría feminista; medios impresos brasileños; discurso; comunicación.

1 INTRODUÇÃO

Para esta pesquisa, o conceito de mídia é amparado na noção, de Rosa Maria Bueno Fischer (2002), compreendida como um meio de comunicação, seja impresso ou digital, que transmite mensagens, possuindo local de intermediário social entre os discursos e as legitimações destes através da pedagogia utilizada na constituição de narrativas em suas variadas influências, compondo um dispositivo atuante no processo de subjetivação, sendo

[1] Mulher lésbica. Graduanda e bolsista, pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes), de Iniciação Científica no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: raabebastos19@gmail.com. Vitória-ES.

[2] Pós-doutora em Comunicação e Cultura (Eco/UFRJ). Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (UFES). E-mail: gabriela.alves@ufes.br. Vitória-ES.

um sistema de formação. Portanto, a partir de tal definição, para a análise serão estabelecidas duas categorias midiáticas: mídia lésbica impressa brasileira, fazendo-se contra hegemônica para visibilizar corpos que há muito são ignorados ou postos como inviabilizados, construindo-se de forma emancipatória; e mídia impressa hegemônica brasileira, entendida como a grande mídia já estabelecida no Brasil, possuindo maior visibilidade e capital, sendo reprodutora e mantenedora das classes dominantes.

Mulheres lésbicas são apagadas dos meios de comunicação em suas mais diversas mídias pois as formulações destes enquanto instituições sempre foram baseadas no homem branco, cisgênero e hétero, sendo uma ideia restrita de quais corpos podem ou não ocupar lugares nestas organizações (SILVA, 2010), de quem pode se estabelecer em tais estruturas sem que lhe pareçam ameaças (BUTLER, 2021).

Ao dispor de estudos de Culturas e Feminismos, constatamos articulações sofisticadas na feitura de padrões e sentidos sociais capazes de conectar individualidades com supostas universalidades, trata-se da realização e internalização de conceitos (BOURDIEU, 2001). Essas dimensões compõem uma superestrutura, incluindo a mídia impressa enquanto instituição social, que cristaliza noções fabricadas com a intenção de mantimento de ideologias que visam o controle do corpo da mulher. Perceber as mídias impressas como forças pedagógicas é compreender que são transmissoras que carregam noções sobre raça, gênero, sexualidade, classe, entre outras tantas (FISCHER, 1996). A inclinação dada pelos canais de comunicação responde pela geração de subjetividades marcadas por relações de poder que advém de maneiras de dispor vínculos econômicos, sociais e culturais. A tentativa de consolidação de verdades leva à reflexão dos modos de ser e estar nas sociedades (BOURDIEU, 2001).

Conceber a mídia impressa como uma das principais expressões de poder cultural e simbólico é entender seu desempenho na seletividade quanto ao conhecimento social, estando esse último baseado no que veiculado, lhe sendo permitido a construção baseado em uma seleção anteriormente realizada (HALL, 1981). O papel da mídia na produção de opinião pública, na criação, classificação e representação configura ambientes que são capazes de construir e destruir, estabelecendo-se como um dos meios de maior influência socialmente (FISCHER, 1997). A reflexão de tais meios a respeito de organizações de culturas faz compreender a exclusão dos corpos de mulheres lésbicas em seu espaço: historicamente, o meio comunicacional foi majoritariamente composto por homens brancos, cisgêneros e héteros, afastando todo aquele fora de tal noção (SILVA, 2010). Portanto, os reflexos das exclusões permanecem, sendo necessário a configuração de novos parâmetros a partir das vivências das mulheres lésbicas. Estando os meios comunicacionais em consonância com as classes dominantes, obstruções quanto as vivências dizem sobre qualquer corpo para fora da lógica do homem branco, cisgênero e hétero.

A mulher ainda é questionada sobre seu espaço quanto ao sexual, onde há a

repressão de seus impulsos sexuais por meio de diversas estruturas extremamente sofisticadas que visam seu veto, como a igreja e, no passado recente, a medicina (BEAUVOIR, 2016). Os impedimentos quanto a sexualidade da mulher ocorre para que seus corpos sirvam unicamente como fábricas de trabalhadores, em lógica capitalista, para geração de mão-de-obra (FEDERICI, 2021), assim, vê-se ainda mais restrições às lésbicas, visto que, em ótica binária heterormativa que impera no capitalismo, não estariam reproduzindo, além de que seria o interdito do "direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas" (RICH, 2012, p. 34).

A misoginia como principal arma do silenciamento de mulheres exerce o interdito da cidadania da mulher lésbica, coibindo suas representações em espaços amplamente difundidos. A violação de direitos do indivíduo enquanto mulher diz sobre o estigma quanto ao que são ou desejam ser, relata o que toca a cassação de seus direitos quanto ao fazer e uso de seu próprio corpo. Assim, os esforços para o resgate da visibilidade das lésbicas ocorrem também através da criação de mídias impressas idealizadas e realizadas por elas, de maneira que a produção é ou foi feita delas para elas, cumprindo uma oposição às invisibilizações e silenciamentos quanto às suas existências.

Culturalmente e historicamente, houve o apagamento da lesbianidade nos meios de produção impressa e, consequentemente, de seus espaços em sociedade (RICH, 2012), explanando como as narrativas em circulação podem ignorar e silenciar vidas. A heteronormatividade presente na grande mídia fez com que a lesbianidade fosse sempre o "outro", assim, a produção lésbica relata a vontade de dizer por si e para si, elencando suas subjetividades. A resistência gerada através de suas produções diz sobre a vontade de visibilidade e humanização, pois há muito foram deslegitimadas e violentadas.

Em contrapartida à mídia impressa hegemônica, a produção lésbica visa explicar e definir as camadas de politização em seus fazeres, englobando consciência de classe como um dos pontos principais para compreender delimitações e diferenças dentro de um mesmo espectro de gênero e sexualidade. A interseccionalidade[3], ainda que não com o termo propriamente citado, encontrado nas veiculações da mídia lésbica impressa a faz, para além de dizer sobre sexualidade, manifestar e argumentar quanto outras minorias.

Ocupar-se de mídias lésbicas impressas como um contradiscurso ao que fora construído por outros a respeito da lesbianidade é trabalhar para a visibilidade de suas existências e demandas, o poder de falar sobre si é um dos grandes passos para a plena cidadania de seus corpos. A temática lésbica como objeto histórico deve ser concebido com propósito de servir como ferramenta na desconstrução de discursos tidos como certos a respeito da mulher lésbica (BARBOSA, 2019). Produzir sobre si é desmantelar mitos que há muito exercem violências, é desfazer sentenças que se reatualizam no cotidiano e nos espaços sociais distintos.

[3]Utilizaremos tal conceito a partir de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge. COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

Portanto, o artigo busca visibilizar e protagonizar as construções de mídias lésbicas impressas em suas importâncias e influências, possibilitando a construção de subjetividades enquanto identidades lésbicas feministas políticas-sexuais, explorando o que diz respeito a politização de tais mídias para a construção de humanidade e cidadania em corpos de mulheres que se relacionam intimamente exclusivamente com mulheres; bem como a respeito das relações de poder exercidas em corpos lésbicos através dos discursos midiáticos hegemônicos em suas produções e reproduções de simetrias e assimetrias. A investigação se dará a partir das revistas *Alternativa L* e *Brejeiras*, objetivando suas publicações, entre 2014 e 2020, pautadas na presença, materialidade e construção de identidades lésbicas como resistência à invisibilização e apagamento de corpos lésbicos na mídia impressa brasileira.

2 VISIBILIDADE: RELAÇÕES DE PODER E IDENTIDADE

Pensar a participação da mídia em seus meios de comunicação na construção de sentidos e discursos, bem como na manutenção desses, diz sobre entender as relações de poder em suas desigualdades (FOUCAULT, 2005). O poder simbólico das produções e suas disseminações enuncia constituições que cultura historicamente atravessam vivências (BUTLER, 2021). O domínio de mídias em relação à sociedade é efetuado através de suas vozes de autoridade que produzem e reproduzem modelos de realidades que, aos poucos, através da repetição, vão sendo entendidos socialmente como naturais (ALSINA, 2009).

A criação de significados que posteriormente são legitimados socialmente expõe a ligação entre os meios de comunicação e a cultura, englobando formações de subjetividades e relações de poder, nestas últimas, a mídia impressa se integra como uma das instâncias de poder, visto que, a partir da veiculação de noções e conceitos, estabelece produções de realidades. Estando os meios de comunicação em posição de "fazer saber" (ALSINA, 2009, p. 48), se fazem interventores sociais, estabelecendo saberes que circulam no cotidiano, sendo criadora de poderes simbólicos através de representações, ocupando um lugar de formação (FISCHER, 2002).

O que não está na mídia é encarado como estranho, entendido como difícil de sentir ou compreender (FISCHER, 1996), assim, o discurso é delineador do espaço do que será incorporado em sociedade, localizando experiências de acordo com a veiculação de discursos (BOURDIEU, 2001). Tal observação diz sobre as maneiras como são expostos ideais, da mesma maneira, a forma como são recebidos pelo público, sendo elucidados de acordo com a voz e amplitude dados a eles nos meios de comunicação. Assim, a legitimação de saberes é possível através de uma formação de conhecimentos que, juntos, são amplamente difundidos (FISCHER, 1996).

A mídia impressa influencia práticas sociais pois está relacionada diretamente a cultura, são "os significados culturais [...] [que] organizam e regulam as práticas sociais,

influenciam nossas condutas e consequentemente têm efeitos reais, práticos" (HALL, 1997, p. 2). O imaginário coletivo é construído em torno de tais manifestações de discursos, sendo ditado por indicações feitas por intermédio da mídia em suas mais variadas influências (MORIN, 1994), de forma que subjetividades igualmente se constituem com a força da atuação da influência dos meios de comunicação. O fazer da identidade é mediante ao que o indivíduo possui acesso, de configuração que as narrativas que o constituem anteriormente foram construídas por outros, sendo modificadas de acordo com novos saberes e experiências (THOMPSON, 1998).

Realizando-se como "os fazedores de identidades culturais" (ALSINA, 2009, p. 132), os meios de comunicação efetuam a potencialização ou apagamento de padrões do que é encarado como normal, em lugar onde os sentidos humanos são instigados a perceberem o que social e culturalmente está sendo aceito ou rejeitado (BOURDIEU, 2001). O esclarecimento quanto ao mundo utiliza de amplos recursos da comunicação em seus campos de influência, produzindo e reproduzindo poderes (FOUCAULT, 2016).

Reconhecer-se em narrativas revela o contorno social exercido pela mídia impressa, onde, quando discursos abarcam certos temas, é capaz de o fazer circular, de cunha-lo como relevante e digno de atenção pelo público (BOURDIEU, 2001). A articulação do fazer cultural a partir dos meios de comunicação se dá por sua instância da "voz da verdade", enfatizando sua credibilidade quanto ao que parece uma tradução do mundo, quando, antes, se trata de o fazê-lo através de relações de poder que geram o simbólico, pois o fazer midiático é dotado de posição ideológica, composto por posicionamento ético e político sobre a realidade (ALSINA, 2009).

A criação de sentido consensual em sociedade a partir da criação e manutenção de significâncias exerce poderio em vivências, podendo continuar ou descontinuar suas existências, pois tal domínio do discurso é de autoridade grandiosa no social, potenciando ações positivas ou negativas (BUTLER, 2021). A referenciação da mídia como reveladora da "realidade" se trata, na verdade, da normalização de normas realizadas por ela. Assim, é nesse meio que concepções de gênero e sexualidade são tidos com permitidos ou vetados, normais ou anormais; a legitimação de corpos em seus fazeres ou não fazeres é dependente de um processo de escolhas, opções de discursos e narrativas que irão circular ou não: "[...] os meios de comunicação, e mais especificamente o jornalismo, confirmam e neutralizam a exclusão de alguns indivíduos e grupos sociais, como as mulheres, mesmo quando não os discriminam e estigmatizam abertamente" (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 2).

Revisitar e revisar o fazer de discursos históricos é imprescindível, observando suas permanências, atualizações e naturalizações na atualidade. É necessário o resgate de memória para a ressignificação de silêncios e existências, possibilitando a visibilidade do que antes foi marginalizado, é a possibilidade de se recolocar na história através do pertencimento pelo conhecimento de que há muito a luta por reconhecimento de origem,

história e vivência é travada através da construção de discursos nas mídias.

3 POTENCIALIDADES: MÍDIAS LÉSBICAS IMPRESSAS BRASILEIRAS

3.1 REVISTA ALTERNATIVA L

Alternativa L é uma revista que surgiu, em 2014, na Zona Leste de São Paulo, inicialmente manifestava-se inteiramente como lésbica, mas por circular nas periferias, houve a decisão de manter no mínimo 50% das publicações de cada edição para a temática lésbica e feminista, disponibilizando o restante para as demais letras da sigla LGBTQIA+, abrindo espaço para a escrita de todos os gêneros e sexualidades. O nome da mídia diz justamente acerca da produção em opção ao que é oferecido pela mídia impressa hegemônica (ALTERNATIVA L, 2014).

Os objetivos da *Alternativa L* são a produção de um conteúdo para além dos clichês heterossexuais, a manutenção de diálogos com toda a comunidade LGBTQIA+ e a cobertura de eventos que enunciam e expressam a temática lésbica em suas lutas por direitos e cidadania (ALTERNATIVA L, 2014).

A primeira edição contou com divulgações artísticas, destaques quanto a protestos e a parada LGBT em São Paulo em 2013, assim como evidenciou a necessidade da criação da revista enquanto um espaço voltado para o público lésbico em suas demandas, prazeres, dores e direitos. O projeto teve apoio da Secretaria de Cultura de São Paulo através do VAI – programa de incentivo e valorização da cultura (ALTERNATIVA L, 2014).

As publicações da *Alternativa L* incentivam o questionamento do espaço ocupado pela mulher, de forma a esclarecer como tal categoria é permeada por situações próprias de sua posição estabelecida pelas desigualdades de gênero, sendo esta dotada de violências físicas e simbólicas. O feminicídio, assassinato de uma mulher por ela ser mulher, esteve como uma das principais pautas da revista, problematizando a produção e reprodução de noções que a estabalecem cotidianamente em tal local, abarcando ainda a condição de ser mulher lésbica nesta conjuntura de violências (ALTERNATIVA L, 2018).

"Subservientes da sociedade?" tal questionamento, que ocupa o editorial da décima edição do quarto ano da revista (figura 1), demonstra o cuidado com a qual as produtoras das publicações debatem os temas que abarcam as vivências LGBTQIA+, protagonizando as experiências de gênero e sexualidade na construção de uma voz que poderá dizer com propriedade a respeito de seus corpos. O editorial propõe reflexões acerca da submissão imposta aos corpos tidos como desviantes, onde suas demandas são ignoradas ou usurpadas:

> Quando entendemos e questionamos nosso papel no coletivo, sofremos ameaças e preconceitos de todos os tipos, geradores de uma violência absurda, tema principal pelo qual norteia essa edição.
> Nossos corpos, nossos públicos, nossas ideias são usurpadas, quando lutamos por nossos direitos, que a sociedade heteronormativa amplamente usufrui, nos acusam de exigir privilégios (ALTERNATIVA L, 2017, p. 4).

FIGURA 1 - “Subservientes da sociedade?”



Fonte: ALTERNATIVA L (2017)

A décima segunda edição do quinto ano da *Alternativa L* tem como editorial a interpelação *O outro eu, quem somos nós?*, pautando tal tiragem por noções de sexualidade, do ser mulher, da sororidade e do empoderamento feminino. A revista apresenta considerações a respeito de se entender compreendendo também o outro na ótica da vivência da mulher, expondo os desafios e propondo mudanças.

> Para tanto precisamos fazer parcerias, nos comunicar com nossos semelhantes, enquanto grupo social LGBTI+, sempre cientes e exaltando as nossas diferenças. Como o do poder de ser mulher e fazer isso sem 'carregar nas costas a culpa pelas desgraças do mundo' (Sheila Costa), muito menos ser ameaçada e morta por isso, vide os altos índices de violência (ALTERNATIVA L, 2018, p. 4).

As trocas de experiências entre as produtoras da *Alternativa L* com seu público se tratam também de vivências narradas pelas próprias pessoas que as experienciam, de forma a aproximar ainda mais todas as partes envolvidas (figura 2), propiciando a quem nunca pode conversar e se expressar sobre determinados assuntos a chance de se fazer através de uma rede segura e atenta, construção feita pela revista através de suas diversas realizadoras e consumidoras.

FIGURA 2 - "Sexualidade: prisão ou liberdade?"



Sexualidade: PRISÃO OU LIBERDADE?

Por Jani Souza

O sexo sempre foi um símbolo de liberdade e poder sobre o próprio corpo. Mas e quando a experiência sexual deixa de ser um símbolo de liberdade para se tornar um aprisionamento?

Vamos ao começo dessa descoberta: eu fui uma adolescente visceralmente rebelde contra tudo o que era tradicional, eu neguei tudo o que remetia à tentativa da minha família de ser perfeita. Isso incluiu desde a heteronormatividade, passando pelos costumes religiosos, as regras de comportamento e, finalmente, a virgindade exigida das mulheres.

Aos 15 perdi a virgindade com uma garota doce, forte e amorosa, e essa experiência sexual foi a única delicadeza da minha adolescência. Com os hormônios gritando e a subversão dos valores tradicionais fervendo em minhas veias, comecei a usar o sexo como forma de expressar meus sentimentos mais pesados e inadequados, chegando a momentos em que eu me considerava ninfomaníaca por sentir que precisava disso pra viver.

Conforme os anos foram passando eu passei a me perguntar se toda essa necessidade de sexo era por vontade própria ou para atingir, indiretamente, as regras impostas pela minha família. Comecei a me perguntar se o fato de eu nunca negar sexo era por mim, ou pra construir uma imagem que fosse inversa à imagem da minha família,

e a partir desses questionamos comecei a observar como eu me sentia sobre os outros, se eu desejava outras pessoas ou se eram só um instrumento para expressar minha raiva. Com isso, comecei a ouvir meu corpo, sentir o estranhamento diante de outras mãos,mas continuei dizendo "sim" por muito tempo.

Por que? Eu me sentia obrigada a cumprir com o sexo dentro de diversos relacionamentos, não porque as pessoas com quem eu me relacionava me obrigavam, mas pela idéia de que o sexo era sempre um ato de liberdade e para manter a imagem de que eu era uma mulher livre eu mesma me obrigava, preferia fingir que o desconforto era uma fase passageira. Até o momento em que fiquei sozinha, longe de relacionamentos amorosos

16

Fonte: ALTERNATIVA L (2018)

Assuntos de extrema importância para mulheres lésbicas, mas quase inexistentes nas mídias impressas hegemônicas, são estudados e pesquisados pelas realizadoras da *Alternativa L*, de forma que publicam conteúdos pouco veiculados em outras mídias para abarcar questões próprias das vidas das mulheres que se relacionam intimamente exclusivamente com mulheres. *Do que é feito uma família*?, revela as dores lésbicas em relação às cotidianas indagações sobre suas famílias, em constante deslegitimação de quem são e do espaço que podem alcançar e permanecer (figura 3).

FIGURA 3 - "Do que é feito uma família?"



Fonte: ALTERNATIVA L (2020)

Divulgar produções culturais que tocam e dizem diretamente sobre lésbicas também é uma das ações da revista, dando espaço para as realizadoras e leitoras mostrarem o que produzem, de forma a publicar poesias, ensaios fotográficos, produções literárias, entre outros. São pautados conteúdos de diversas áreas, mas todos protagonizando questões de gênero e sexualidade, em local seguro para produção e consumo do que há muito é

inviabilizado ou ignorado pelas classes dominantes (figura 4).

FIGURA 4 - “A capa”



Fonte: ALTERNATIVA L (2018)

As redes sociais da revista divulgam eventos que tocam a comunidade LGBTQIA+, com foco nas mulheres que se relacionam intimamente exclusivamente com mulheres, disponibiliza espaços para artistas lésbicas, indica obras que dialogam com as experiências de seus públicos, se coloca como local de escuta para pessoas que sofreram LGBTQIA+fobia, além de contar com um podcast que é produzido para todas as letras da sigla.

> A atuação da equipe e repercussão da Alternativa L superou as expectativas nos anos de existência pois firmamos parcerias e atividades não previstas na execução das atividades, como: Museu da Diversidade, coletivos da capital e interior paulista e de outros Estados, contatos com muitas lideranças das mais variadas vertentes dentro do movimento LGBTIQ (ALTERNATIVA L, 2020, não paginado).

3.2 REVISTA BREJEIRAS

A *Brejeiras*, 2018, é uma revista colaborativa que foi criada a partir do incômodo de cinco mulheres militantes, cada uma de uma parte do país, a respeito da representatividade lésbica nos meios de comunicação, assim, partindo de suas demandas, idealizaram o que

seria de valia para as mulheres que se relacionam intimamente exclusivamente com mulheres, elencando editorias sobre gênero, sexualidade, música, comida, lazer, cultura, estética, desejos e história que dizem sobre referências lésbicas. O nome faz menção a abreviação de "sapatão" que é "sapa", indicando um animal que vive no brejo, além de que, procurando também fazer alusão a um espaço descontraído para sociabilidade, vincularam o nome a "breja", outra forma de nomear cerveja, bebida popularmente presente em encontros descontraídos (BREJEIRAS, 2018a).

A revista produz uma comunicação feminista antirracista que se ocupa principalmente de temas como consentimento, respeito, escuta, oralidade e cuidado. As pautas visam uma rede de apoio, segurança e afeto construindo possibilidades que optam pelo sentido contrário da mídia impressa hegemônica que de forma brutal incentiva a competição entre mulheres (BREJEIRAS, 2019).

As produções de *Brejeiras* são inteiramente em conjunto para fortalecer a ampla gama de existências em suas peculiaridades, dificuldades ou privilégios; desde a escrita até a edição diversas mulheres lésbicas participam se ouvindo e cooperando. Atravessamentos sociais perpassam capas, textos e imagens na intenção de promover uma identificação com o maior número de mulheres lésbicas em suas mais variadas existências (BREJEIRAS, 2018b).

A primeira edição teve como proposta questionar o lugar da mulher lésbica na comemoração do Dia Internacional da Mulher, 08 de março, com a indagação "Em que momento gritamos juntas e quando precisamos parar para nos ouvir?" (figura 5) (BREJEIRAS, 2019).

FIGURA 5 - “8 de março: e as sapatão?”



Fonte: BREJEIRAS (2018a)

A *Brejeiras* trabalha as múltiplas dimensões da existência lésbica, de forma que todas as mulheres envolvidas na produção da revista participam das reuniões de pauta, onde são debatidos atravessamentos da vida cotidiana de mulheres que se relacionam intimamente exclusivamente com mulheres, a partir de tal debate é gerada a linha temática a ser seguida por todas as editorias que irão compor a edição. A realização de cada publicação busca alcançar debates pouco realizados acerca da existência lésbica:

> A Brejeiras ocupa um espaço enorme, um vácuo que a gente sempre encontrou nos meios de comunicação de alguma forma porque, nós, lésbicas, nunca somos representadas ou somos sub-representadas, criminalizadas ou colocadas no campo do fetiche (BREJEIRAS, 2018a, não paginado).

Brejeiras propõe um ativismo que conversa com as demandas lésbicas, de maneira a reafirmar, por diversos meios, quem são, como um ato político em prol da visibilidade, memória e conquista de espaços em sociedade. A segunda edição, lançada na véspera do Dia Nacional de Visibilidade Lésbica, dia 29 de agosto, carrega a frase "Afirmar ser sapatão é uma ato político", dita pela arquiteta Mônica Benício, viúva da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ), assassinada em março de 2018, no Rio de Janeiro (figura 6). A escolha da edição demonstra o compromisso da Brejeiras com a luta anti sistêmica, evidenciando Marielle e Mônica como um símbolo do combate à uma sociedade que exerce violências e apagamentos metodicamente aos corpos lésbicos.

FIGURA 6 - "'Afirmar ser sapatão é um ato político' Monica Benicio"



Fonte: BREJEIRAS (2018b)

No terceiro volume do primeiro ano, 2018, *Brejeiras* traz uma capa com os dizeres *ElasSIM: lésbicas na política*, para além da referência ao "#EleNão", campanha contra Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, o conteúdo expõe candidatas lésbicas aos cargos de

deputadas estaduais e federais, além de pautar a importância de uma verdadeira representatividade na política, protagonizando mulheres lésbicas de forma interseccional para que haja a mais diversa expressão da pluralidade de experiências lésbicas (figura 7). “Brejeiras é um movimento cooperativo de e para lésbicas que busca trocar experiências e salivas, ampliar imaginários e contatinhos, ocupar línguas e linguagens, revisitar os becos da memória, enfrentar apagamentos e construir resistências” (BREJEIRAS, 2018c).

FIGURA 7 - “#ElasSim: lésbicas na política"



Fonte: BREJEIRAS (2018c)

O *Seu textão na Brejeiras* também é um destaque da revista, onde é aberta uma chamada para cada edição, expondo o tema pelo qual a publicação será atravessada, possibilitando que as leitoras enviem seus textos. Trata-se da viabilidade de fala e escuta entre mulheres lésbicas de diversas idades e realidades, sendo uma das principais ações da revista no que se refere às trocas de vivências.

A curadoria e distribuição, são questões de grande atenção por todas as colaboradoras visto que dizem sobre o alcance das produções: o anseio pela diversidade em amplos

espaços exige um outro modelo de negócios que inclua mídias lésbicas, pois, normalmente, "as prateleiras de livrarias já são preenchidas por acervos comerciais preestabelecidos" (BREJEIRAS, 2019). A escolha de ser veiculada como revista impressa diz justamente sobre a ocupação de ambientes.

Hoje as redes sociais da revista contam com a explanação, em tempos de eleições, de mulheres lésbicas que são candidatas, divulgação de mesas de debates, artes e conquistas que tocam as vidas lésbicas, denúncias de lesbofobia, leis que afetam diretamente as mulheres lésbicas, livros e artigos sobre homossexualidade de mulheres e memória destas em diversas áreas para que o relato não se perca.

4 IDENTIDADES: ESPAÇOS, AFETOS E MEMÓRIA

A ampliação do espaço de fala para troca de experiências expande imaginários e memórias, de maneira que ocupa e revisita espaços e discursos para construir resistência e combater apagamentos. A construção de uma identidade lésbica feminista política-sexual engloba novas noções de experimentações e vivências tanto nas vidas de mulheres que se relacionam intimamente exclusivamente com mulheres, quanto na produção e publicação de mídias impressas.

Constituir uma comunicação inclusiva em diversidade, estéticas e demandas lésbicas é trabalhar em oposição à opressão, ao racismo, ao machismo, à misoginia e à LGBTQIA+fobia. A defesa pela visibilidade de corpos marginalizados é a defesa pela representação na mídia enquanto direito humano de reconhecimento e cidadania de si, também pela possibilidade de acesso a outras linguagens, narrativas e estéticas.

A troca de saberes e a sociabilidade entre mulheres lésbicas viabilizados através das realizações das mídias impressas apresentadas propicia afetos e acolhimento em participações e trocas ativas constantes entre as vivências que escrevem e as que consomem. O terreno de lutas por significados nas interrelações de produção de sentido e Comunicação evidencia como as mídias lésbicas são instrumentos que questionam locais e ocupações, de forma a promover mudanças com seus realocamentos de discursos. A estratégia da criação de discurso próprio e da veiculação deste rompe com a ótica da heterossexualidade (RICH, 2012).

As problematizações apresentadas pelas mídias expostas questionam o espaço que socialmente é dado aos corpos não hegemônicos, assim, foi necessária uma pedagogia cultural que falasse a partir do lugar da lésbica, construindo novas concepções a respeito dos corpos em suas vivências. Construções históricas e sociais como origem de identidades que se baseiam em discursos e simbologias englobam tais práticas de significados e representações sobre existências a partir de imagens do que somos ou podemos nos tornar, assim, o fazer identitário lésbico, partindo de um ponto em que as diferenças podem conviver em um espaço como tais mídias, possibilita o estabelecimento em uma categoria

comum capaz de mobilizar espaços e discursos.

A forte consciência política encontrada nas mídias lésbicas impressas, assim como a preocupação de entender o público em toda sua diversidade, não apenas como mero consumidor, manifesta ainda a diversidade encontrada entre lésbicas, questão ignorada pela mídia impressa hegemônica que, quando cede algum espaço, exibe as mulheres lésbicas como que em homogeneidade de pensamentos e existências.

A pluralidade nas produções – dialogando com política, cultura, artes e educação – também diz sobre a mulher lésbica saber que existir para além da identidade sexualizada é possível, podendo ela coexistir em variados lugares sem abdicar de partes de si, oportunizando o conhecimento de novos espaços sem renunciar aos que já estavam inseridas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um outro modelo de comunicação que possibilita não apenas a emissão, mas a escuta e a troca de saberes que fomenta conhecimentos e reconhecimentos de seus públicos, foi apresentado pelas mídias lésbicas impressas, demonstrando também que não há luta política sem identidade e a reafirmação da mesma. A consolidação de um canal comunicacional autêntico se fez partindo da potencialidade de levar a cidadania a um grupo cultural e socialmente marginalizado, onde, enquanto identidade coletiva, foi possível imaginar e realizar identidades individuais. Se tratou da nomeação pública, social e política do que há muito é ignorado pela mídia impressa hegemônica, mostrando tanto suas intenções por trás de suas produções, quanto da mídia impressa hegemônica em seus silenciamentos e apagamentos.

A comunicação como um direito humano, efetivada pelas mídias expostas, também diz sobre subjetividades, de maneira que se indivíduos não são contemplados pela produção midiática, não será possível dizer que seu direito está sendo efetivado. É necessário perceber a mídia lésbica impressa brasileira como uma crítica a mídia impressa hegemônica brasileira, aqui entendida como instituição social, pois, em sua independência, as produções de mulheres que se relacionam intimamente exclusivamente com mulheres se elaborou em propósito político, criando um discurso que possibilitou e visibilizou vidas antes menosprezadas.

O testemunho da história quanto as criações de canais de comunicação lésbicos é o posicionamento alternativo à mídia impressa hegemônica, onde os discursos emitidos ao longo de suas publicações diziam sobre a diversidade de lésbica, explicitando as interseccionalidades em seus corpos e como cada uma é afetada pelo entorno, de maneira que as produções tocaram e tocam toda a comunidade LGBTQIA+. São veículos que não se abstiveram de dizer opiniões e posturas perante a sociedade, demonstrando interesse constante em educar politicamente suas leitoras.

comum capaz de mobilizar espaços e discursos.

A forte consciência política encontrada nas mídias lésbicas impressas, assim como a preocupação de entender o público em toda sua diversidade, não apenas como mero consumidor, manifesta ainda a diversidade encontrada entre lésbicas, questão ignorada pela mídia impressa hegemônica que, quando cede algum espaço, exibe as mulheres lésbicas como que em homogeneidade de pensamentos e existências.

A pluralidade nas produções – dialogando com política, cultura, artes e educação – também diz sobre a mulher lésbica saber que existir para além da identidade sexualizada é possível, podendo ela coexistir em variados lugares sem abdicar de partes de si, oportunizando o conhecimento de novos espaços sem renunciar aos que já estavam inseridas.

Para muitas mulheres lésbicas a chance de serem, por conta de opressões e preconceitos que vivem, está nos ambientes de trocas de afeto, diálogo e apoio proporcionados pelas mídias lésbicas impressas, onde possuem a possibilidade de serem lésbicas expressando suas demandas, existindo e resistindo enquanto quem são. Os espaços seguros para a sociabilidade lésbica, possibilitando existências sem receios, foram construídas delas por elas, em clara demonstração de suas exclusões dos meios comunicacionais hegemônicos.

Assim, a mídia lésbica impressa se mostra como promotora de pontos democráticos como formação e consciência política, pluralidade de perspectivas, construção de memória, participação pública nas produções, formação cultural e crítica, acolhimento e autocrítica. É o exercício da comunicação como um direito humano que deve estar em consonância com a diversidade de sexualidades, gêneros, estéticas, linguagens e narrativas, desafiando a hegemonia midiática, engendrando e cultivando resistências através de mídias lésbicas impressas, sendo uma estratégia crítica política anti-sistêmica, na tentativa de tornar o espaço midiático mais inclusivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ALTERNATIVA L. **Portfólio Alternativa L**, São Paulo, 2020. Disponível em: https://issuu.com/alternatival.revista/docs/portif_lio_completo_ok_. Acesso em: 16 out. 2022.

ALTERNATIVA L. **Alternativa L**, São Paulo, n. 1, 2014. Disponível em: https://issuu.com/alternatival.revista/docs/edicao_01_ano_01. Acesso em: 16 out. 2022.

ALTERNATIVA L. **Alternativa L**, São Paulo, n. 4, 2017. Disponível em: https://issuu.com/alternatival.revista/docs/ano_4_edicao_10. Acesso em: 16 out. 2022.

ALTERNATIVA L. **Alternativa L**, São Paulo, n. 5, 2018. Disponível em: https://issuu.com/alternatival.revista/docs/ano5_ed_12_e_13__1_. Acesso em: 16 out. 2022.

ALTERNATIVA L. **Alternativa L**, São Paulo, n. 5, 2018. Disponível em: https://issuu.com/alternatival.revista/docs/ano5_ed_16_e_17. Acesso em: 16 out. 2022.

ALTERNATIVA L. **Alternativa L**, São Paulo, n. 7, 2020. Disponível em: https://issuu.com/alternatival.revista/docs/revista_finalizada_-_ed_21-_36_pag-_10-04__1_. Acesso em: 16 out. 2022.

ARQUIVO Lésbico Brasileiro lança site com coleção sobre Imprensa Lésbica. **Arquivo Lésbico Brasileiro**, 22 dez. 2021. Disponível em: https://www.arquivolesbicobrasileiro.org.br/2021/12/22/arquivo-lesbico-brasileiro-lanca-site-com-colecao-sobre-imprensa-lesbica/. Acesso em: 15 out. 2022.

BARBOSA, Paula. **Trajetória da imprensa lésbica no brasil (1981-1995)**: uma história possível para (re)-pensar o jornalismo. Orientadora: Paula Melani Rocha. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa: 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A produção de crença**. Porto Alegre: Zouk, 2001.

BREJEIRAS, Rio de Janeiro: **Brejeiras**, v. 1, n. 1 – Março/Abril/Maio/2018a.

BREJEIRAS, Rio de Janeiro: **Brejeiras**, v. 1, n. 2 – Junho/Julho/Agosto/2018b.

BREJEIRAS, Rio de Janeiro: **Brejeiras**, v. 1, n. 3 – Outubro/Novembro/Dezembro/2018c.

BREJEIRAS, Rio de Janeiro: **Brejeiras**, v. 2, n. 4 – Junho/Julho/Agosto/2019.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: Uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso**: mídia e produção da subjetividade. 1996. 297 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. Educação e pesquisa, v. 28, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias**: o mugging nos media. Jornalismo: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

MORIN, Edgar. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). **Revista**

FAMECOS, *[S. l.]*, v. 10, n. 20, p. 07–12, 2008.

REVISTAS. Arquivo de Revistas. **Lesboteca**, 9 de out. de 2019. Disponível em: https://lesboteca.com/category/revistas/. Acesso em: 16 out. 2022.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2012.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção da notícia. Orientadora: Virginia Fonseca. Dissertação (mestrado). Programa de PósGraduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2010.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, p. 224-247, 1993.

Recebido em 17/11/2022
Aceito em 18/01/2023